



DISCURSO

& SOCIEDAD

Copyright © 2016
ISSN 1887-4606
Vol.10(4), 588-609
www.dissoc.org

Artículo

**Representações da Presidenta Dilma
Rousseff pelo “Movimento Brasil Livre”**

***Representations of President Dilma Rousseff by
the ‘Movimento Brasil Livre’ (‘Free Brazil
Movement’)***

Thaiza de Carvalho dos Santos

Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL)
Universidade de Brasília (Brasil)

Viviane Cristina Vieira

Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL)
Universidade de Brasília (Brasil)

Resumo

Este artigo apresenta reflexões iniciais da pesquisa de Mestrado em desenvolvimento “Movimentos sociais em rede: uma aproximação das ações sociodiscursivas do ‘Movimento Brasil Livre’” (Santos, inédito), com base na Análise de Discurso Crítica e na Semiótica Social, compreendendo o texto e suas múltiplas semioses como a parte discursiva situada de práticas sociais mais amplas. Neste recorte do corpus, analisamos, principalmente, dois textos divulgados na página do Facebook do Movimento Brasil Livre (MBL, movimento de jovens de extrema-direita que surgiu em 2014 alinhado aos ideários políticos neoliberais) nos dias 7 e 18 de março de 2016 sobre o processo de investigação de atos de corrupção no Governo Federal. Esses textos principais representam a Presidenta do Brasil Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores, eleita em 2010 e reeleita em 2014; e o juiz Sérgio Moro, responsável pela condução dos julgamentos, em primeira instância, dos crimes investigados pela Operação Lava-Jato no Brasil. Os resultados iniciais do estudo identificam, nas interações em rede do MBL, seu alinhamento com uma cadeia de discursos hegemônicos que constroem uma narrativa dissimuladora fundada no esquema cognitivo protagonista-antagonista com potencial para disseminar e legitimar o funcionamento ideológico básico das sociedades capitalistas contemporâneas centrado no cinismo (Zizek, 1989; Baldini, 2009).

Palavras-chave: Movimentos sociais em rede; Ideologia; Análise de Discurso Crítica, Semiótica Social.

Abstract

This paper presents initial reflections of masters research in developing “Social movements networked: an approximation of sociodiscursive actions of ‘Movimento Brasil Livre’ (Santos, unpublished), based on Critical Discourse Analysis and Social Semiotics, understanding the text with multiple semioses as a discursive part of wider social practices. In this clipping of the corpus, we analysed, mainly, two texts published on Facebook page of ‘Movimento Brasil Livre’ (MBL, movements of young people from the extreme right aligned to neo-liberal politicians) on days 7 and 18 March 2016 about the process of investigation acts of corruption in the Federal Government. These major texts represent the President of Brazil, Dilma Rousseff, elected in 2010 and re-elected in 2014; and the judge Sérgio Moro, responsible of the conduct of trials in the first instance of the crimes investigated by the Operation ‘Lava-Jato’ in Brazil. The initial results of the study identify, in network interactions of MBL, the alignment with hegemonic discourses that construct a conceal narrative founded on cognitive schema ‘protagonist-antagonist’ with potential to disseminate and legitimize the ideological basic functioning of contemporary capitalist societies centered on cynicism (Zizek, 1989; Baldini, 2009).

Keywords: Social movements networked; Ideology, Critical Discourse Analysis, Social Semiotics.

Apresentação

Nossas bases teóricas e metodológicas estão ancoradas em pressupostos da Análise de Discurso Crítica (ADC) e da Semiótica Social, ao compreender textos, com suas múltiplas semioses, como parte dialética de constituição do social, incluindo crenças, normas, atitudes, valores, saberes e identidades, em contextos situados (Chouliaraki e Fairclough, 1999; Fairclough, 2003; Kress e van Leeuwen, 2006; van Dijk, 2012).

Os textos analisados aqui ilustram o esforço retórico do MBL em suas ações discursivas nas redes sociais para representar e identificar a Presidenta Dilma Rousseff como inimiga ou vilã em uma relação polarizada entre “protagonista-antagonista” em relação ao juiz Sérgio Moro, responsável pela condução do julgamento, em primeira instância, das denúncias de corrupção investigadas pela Operação Lava-Jato no Brasil, no início de 2016. O juiz Sérgio Moro ganhou notoriedade na grande mídia e tornou-se personagem de destaque nas manifestações pró-*impeachment* (entre elas, as mais expressivas organizadas pelo MBL) após liberar, de forma ilegal, em 2016, áudios de grampos telefônicos feitos pela Polícia Federal de conversas entre a Presidenta Dilma e o ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A liberação deste material e as declarações de Sérgio Moro intensificaram o debate no cenário jurídico e político brasileiro.

Para buscar apresentar exemplos de como o MBL representou discursivamente esse acontecimento político e midiático específico, organizamos o artigo em três seções. A primeira seção apresenta breve discussão sobre o que, neste artigo, é compreendido como “sociedade em rede” e os novos movimentos sociais organizados por meio das mídias sociais e a importância de estudá-los, bem como a conjuntura social do problema abordado. Isto é, o contexto social de organização de movimentos em rede de jovens de extrema-direita como parte da reação de oposição aos 13 anos de governo progressista no Brasil. Na segunda seção, as escolhas teóricas e metodológicas que subsidiaram o estudo são apresentadas e, na terceira seção, apresentamos análises sócio-semióticas feitas com base em categorias de análise propostas por Kress e van Leeuwen (2006), Thompson (2011) e Fairclough (2003).

Transformações da sociedade em rede e emergência de novos movimentos sociais

Hoje, destaca-se a criação das redes sociais, que, para Recuero (2009, p. 24), são “um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)”. A metáfora da *rede* nos leva às estruturas sociais, não deixando de lado os atores envolvidos e suas conexões nas diferentes práticas sociais.

As relações sociais, os saberes, os poderes, as identidades, as culturas locais vêm sofrendo grandes revisões para o funcionamento do “capitalismo leve”, tornando-se mais fragmentadas e mutáveis, seguindo o ritmo das constantes e rápidas mudanças e demandas da sociedade global em rede, subdivida em subperiferias do capitalismo em torno do centro de difusão da exploração nos EUA, no império neoliberal.

Segundo Sousa Santos (2011, p. 31), os países periféricos e semiperiféricos são os que mais sofrem imposições do neoliberalismo, visto que seu receituário é “transformado pelas agências financeiras multilaterais em condições para renegociação da dívida externa através de programas de ajustamento estrutural”. A “globalização econômica neoliberal” provoca, conforme o autor, inúmeras transformações no poder econômico, político e cultural, principalmente ao concentrar o poder nas empresas multinacionais, regulando o investimento em políticas sociais e beneficiando o setor empresarial privado.

O consenso neoliberal é imposto aos países periféricos e semiperiféricos do capitalismo, como o Brasil, por meio do “controle da dívida externa efetuado pelo Fundo Monetário Internacional e pelo Bando Mundial”, gerando um tipo de “globalização da pobreza” (Sousa Santos, 2011, p.35). Nas palavras do autor, uma das consequências desse aumento global das desigualdades sociais é a revolta das elites contra a redistribuição da riqueza, o que se aproxima do atual cenário brasileiro. Tais mudanças, por alterar estruturas sociais, refletem também em mudanças discursivas. Elas estabelecem uma nova ordem social baseada nas mídias sociais e, portanto, também uma nova agenda para os estudos críticos do discurso.

Novos tipos de movimentos sociais são criados no contexto dessas transformações da “sociedade em rede”. Segundo Castells (2013), os novos movimentos sociais organizados em redes não surgem e existem exclusivamente por causa delas, mas se organizam e se viabilizam por meio delas, criando novas plataformas de interação, de relações sociais, de identidades, de letramento, de leitura, de informação, de construção da notícia, de organização política e de ativismos. Lista duas condições essenciais para a organização de um movimento social em rede: primeiro a

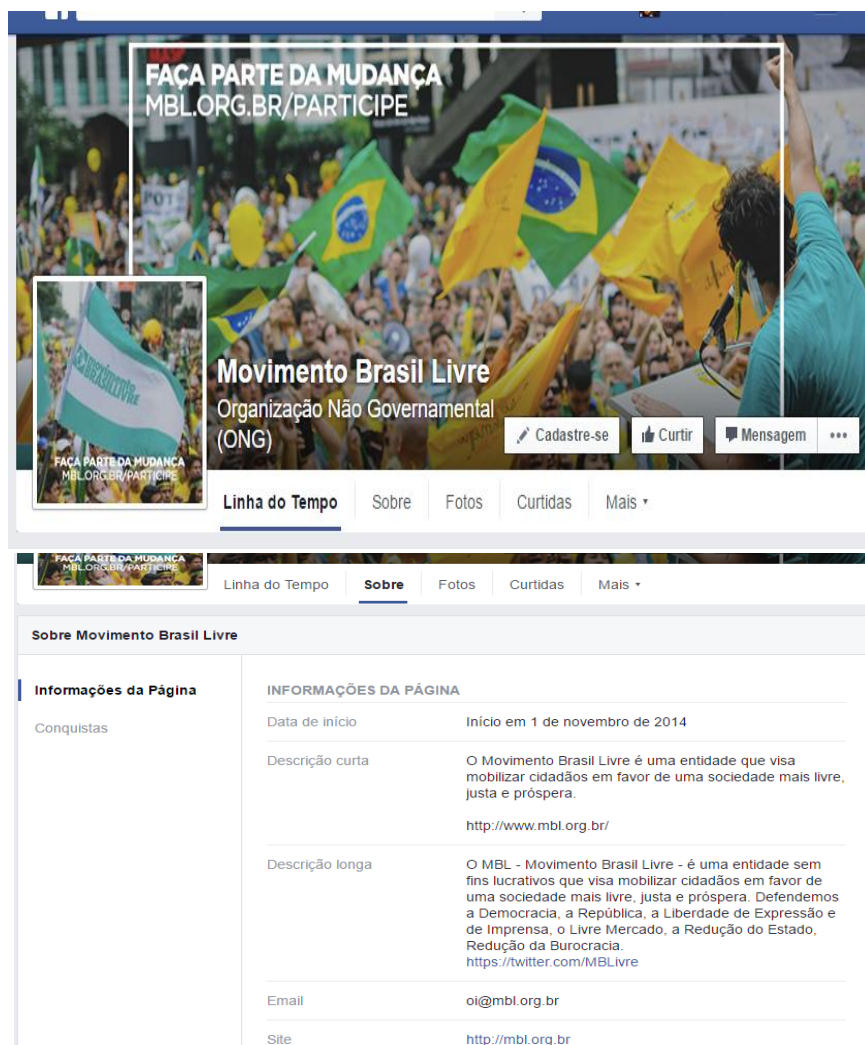
ativação emocional dos indivíduos deve conectar-se a outros indivíduos; segundo, é necessário que exista um meio de propagação eficaz dos eventos e emoções associadas a experiências individuais. Conforme Castells (2013, p. 23), “quanto mais rápido e interativo for o processo de comunicação, maior será a probabilidade de formação de um processo de ação coletiva enraizado na indignação, propellido pelo entusiasmo e motivado pela esperança.”

Os movimentos em rede se diferem dos tradicionais movimentos sociais principalmente na forma de convocar e organizar pessoas, pois não se limitam às redes sociais digitais, mas utilizam as redes para o compartilhamento e difusão acelerada de ideias, objetivos, imagens, significados simbólicos, ideais, construções de pautas, assim como para organização de manifestações nas ruas das cidades. Com Oliveira (2011, p. 5), observamos que os novos movimentos sociais em rede “são mais do que reprodutores da sociedade, são construtores da sociedade, ao criarem e recriarem novas formas de se pensar o social.”

Ao criarem e recriarem novas práticas, passam por um processo de ressemiotização (Iedema, 2003), no que diz respeito à adaptação das práticas sociodiscursivas e das semioses dos movimentos sociais históricos para uma nova plataforma de múltiplas, rápidas e constantes mudanças e reorganizações, como as redes sociais. As práticas coletivas tradicionais de assembleias, reuniões e as formas de difusão para organizar as estratégias de atos públicos passam por um processo de ressemiotização digital, cuja marca é o desencaixe temporal e espacial, desterritorializado.

No que tange à conjuntura socioeconômica e política de organização desses movimentos como práticas sociais, o MBL surge inicialmente em novembro de 2014, com manifestações “contra a corrupção e a favor da liberdade de imprensa”, como “entidade que visa mobilizar cidadãos em favor de uma sociedade mais livre, justa e próspera,” conforme definição do próprio MBL:

Figura 1 – Informações da página do Facebook do “Movimento Brasil Livre”



Fonte: <https://www.facebook.com/mblivre/>

Na imagem acima, ainda, o MBL define seu campo de atuação na defesa “da Democracia, da República, da Liberdade de Expressão e de Imprensa, do Livre Mercado, da Redução do Estado, da Redução da Burocracia”.

No ano de 2013 aconteceram no Brasil grandes manifestações contra o aumento das tarifas de transporte público, cenário em que o *Movimento Passe Livre* reuniu multidões *online* e *off-line* a favor, a princípio, de um mesmo objetivo – da redução das tarifas de transporte público. Segundo Castells (2013, p. 184), “mais de 75% dos cidadãos apoiavam o movimento

duas semanas depois de seu início na avenida Paulista”, na cidade de São Paulo. A partir dessas primeiras manifestações, os/as participantes começaram a se organizar por meio das redes sociais, enviando fotos, vídeos, tuítes em tempo real sobre o que acontecia nas praças públicas. Desta forma, os movimentos começaram a fazer parte de uma rede de outros movimentos, mesmo que com pautas e demandas distintas.

Nesta rede de movimentos, o MBL, que se define como Organização Não Governamental, se fortaleceu. Sua página no *Facebook* hoje conta com milhares de participantes e simpatizantes, e as manifestações de rua organizadas pelo movimento, tornam-se cada vez mais intensas e com mais apoio da população jovem. As manifestações de março, abril, agosto de 2015, e principalmente a de 13 de março de 2016, ocorridas em várias cidades brasileiras, segundo as estimativas do próprio Movimento, entraram para as mais expressivas, reunindo milhões de pessoas em nível nacional e até internacional.

Composto “em sua maioria por jovens de formação liberal” e criado “para combater a corrupção e lutar pelo *impeachment* da presidente Dilma Rousseff (PT)”, conforme notícia do Portal UOL (2016), o Movimento, coordenado por empresários e articulado à base de oposição ao governo Dilma, tem como pauta “a imprensa livre e independente, liberdade econômica, separação de poderes, eleições livres e idôneas e fim dos subsídios diretos e indiretos a ditaduras”, além do propósito de “lutar contra a corrupção e em prol da saída da Presidenta Dilma Rousseff”, segundo as propostas apresentadas e disponíveis no sítio do autodenominado “Movimento” (<http://mbl.org.br>).

Os ideários simbólicos, enunciados pelo MBL até o início de 2016, alinham-se, de modo visível, aos interesses da política de “direita” do Brasil e com as próprias linhas de atuação do modelo econômico, social, político e cultural do neoliberalismo, conforme resumido por Sousa Santos (2015), como: “prioridade da lógica de mercado; privatização da economia e liberalização do comércio internacional; diabolização do Estado enquanto regulador da economia e promotor de políticas sociais; concentração da regulação econômica global em duas instituições multilaterais, ambas dominadas pelo capitalismo euro-norte-americano (o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional)”.

Tais características são vistas pelo autor como parte da “segunda fase da implantação global do neoliberalismo”, liderada pela “direita”, isto é, pelo conjunto das forças sociais, econômicas e políticas que se identificam com os desígnios globais do capitalismo neoliberal (Sousa Santos, 2015). No cenário político brasileiro, a “direita” passou a divulgar, na grande mídia hegemônica aliada, “escândalos” envolvendo governantes ligados ao Partido dos Trabalhadores (Partido político na Presidência da

República do Brasil desde 2003) e empresas públicas como a Petrobras. Em 2015, a direita política, incomodada com o estabelecimento de políticas progressistas, impulsiona os movimentos radicalistas da elite que clamam pela intervenção privada e pelos ideários neoliberais de governo. Surgem, nesta esteira, os enfrentamentos agressivos de extrema-direita, expressos, muitas vezes, por discursos de ódio contra o governo, contra a Presidenta e os movimentos progressistas.

É nesse ano de 2015 que o MBL se mobiliza de forma mais intensa, com numerosas manifestações pró-*impeachment* em março, abril e agosto e também com a realização da *Marcha Pela Liberdade*, saindo da cidade de São Paulo em direção à capital do País, Brasília, durante 33 dias. Lutar pela “liberdade”, no contexto do MBL, equivaleria à destituição de Dilma Rousseff do cargo de Presidenta, ressalte-se, reeleita democraticamente com 54,5 milhões de votos diretos em outubro de 2014. Ou seja, para o MBL o significado de “liberdade” e o que é um “Brasil Livre” está intimamente relacionado à retirada do sistema de governo atual e a implementação de políticas que envolvem o livre comércio com potências do capitalismo neoliberal.

Ainda que a condição de ONG potencialmente descaracterize o MBL como movimento social, já que movimentos sociais são, em princípio, um campo político não institucionalizado (não-governamental, não-estatal) de ação coletiva, conforme Gohn (2008), é preciso reconhecer a força social e o alcance de suas investidas ideológicas na sociedade civil, impulsionando processos político-sociais. Ainda conforme a autora, movimentos sociais sempre atuam em áreas de conflito e, mesmo que historicamente tenham sido os setores subordinados os que mais produziram lutas sociais, há lutas e movimentos nos setores dominantes, entre segmentos das próprias elites ou das elites contra setores subordinados, em busca de construção de sua historicidade.

Para Gohn (2008, p. 250), essas ações das elites não seriam *contra* ou *antimovimentos*, porque essas noções “referem-se às ações coletivas que buscam retroceder conquistas obtidas por meio de lutas sociais ou impor o ponto de vista de uma minoria a um conjunto mais amplo, recorrendo à força e à coerção”. Nos questionamos se, nessa nova conjuntura, dos “movimentos” em rede, não seria este o caso do MBL, recorrendo não à força e à coerção física, mas sim à disseminação e à repetição de seu discurso ideológico em redes simbólicas.

A organização do MBL reforça a disseminação e legitimação do discurso liberal de recrudescimento global da “direita”, que, aqui no Brasil, ameaça tomar o poder da Presidenta, reeleita para mais 4 anos de governo com um programa político social progressista. Como alerta Toledo (2016), diferentemente das manifestações autênticas do *Passe Livre*, o MBL tem

suas ações financiadas por setores do empresariado, principalmente dos Estados Unidos da América e é ligado às organizações *Students for Liberty* e *Atlas*, que marcaram oposição conservadora na Venezuela e Ucrânia, consistindo, assim, em uma célula dos movimentos de juventude conservadora que têm apoio do empresariado e de ONGs norte-americanas.

Para termos ideia do alcance das ações do MBL, sua página no *Facebook* contava, em 2 de maio de 2016, com 1.184.408 ‘curtidas’, o que demonstra o grande alcance que seu discurso e suas práticas têm na sociedade brasileira, potencialmente mais jovem. As postagens dos dois textos analisados neste artigo, por exemplo, possuem, como ilustra a Figura 2, 463 reações por meio de *emojicons* e 129 compartilhamentos em 37 minutos. Na Figura 5, há 12 mil reações e 2.700 compartilhamentos em uma hora, demonstrando como seus textos e ações discursivas reverberam na rede e contribuem para disseminar e legitimar o discurso pró-*impeachment*.

Os fios da rede: abordagem teórico-metodológica

Entendemos, com Fairclough (2003), que o discurso participa das práticas sociais de três principais maneiras dialéticas, associadas aos três eixos ontológicos do pensamento de Foucault (eixo do poder, do saber e do ser), quais sejam: como maneiras de agir e interagir com e sobre os outros, constituindo relações de poder; como maneiras de representar e projetar o mundo, construindo conhecimento; e como maneiras de ser, de identificar (se), construindo a ética.

Em diálogo com a Linguística Sistêmico-Funcional e com a Semiótica Social, essas três principais maneiras como o discurso atua em práticas sociais dão origem aos principais significados dialéticos do discurso – acional/relacional, representacional e identificacional –, que organizam (redes de) ordens de discurso (a faceta discursiva das práticas sociais) em gêneros, discursos e estilos particulares. Isto é, os “meios relativamente estáveis e duráveis de agir, representar e identificar” na vida social (Fairclough, 2003, p. 33), estabelecendo-se, assim, uma relação dialética entre eventos sociais concretos e as práticas sociais mais abstratas.

Assim, por meio de análises estruturais, das ordens de discurso, e interacionais (das formas e significados textuais situados) dos gêneros, discursos e estilos articulados nos eventos discursivos, ou seja, nos textos em estudo, podemos “fazer a ligação entre o texto e outros elementos do social, entre as relações internas do texto e suas relações externas”, conforme Fairclough (2003, p.37). Em razão do caráter aberto e transdisciplinar da ADC, dialogamos no estudo também com a Semiótica Social, em busca de análises mais complexas dos textos, como dados da

pesquisa, visto que nas práticas discursivas do MBL convergem múltiplas semioses, em função do caráter multimodal das mídias sociais. O texto multimodal apresenta uma nova sintaxe visual, organizada de forma não-linear, o que precisa ser levado em conta nos estudos críticos sobre movimentos em rede, pois as escolhas semióticas têm relações potenciais de causa e efeito no social, inclusive com implicações ideológicas em relações de poder.

Na incursão das novas perspectivas da Semiótica Social, é desenvolvida a Gramática do *Design Visual* (KRESS e van LEEUWEN, 2006), que surge das novas demandas de leituras que contemplem as linguagens visual e imagética. Tal Gramática baseia-se nos pressupostos da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), de Halliday e Matthiessen (2004). Em uma perspectiva funcionalista, a LSF apontou caminhos para categorias aplicáveis também a múltiplas semioses, segundo as metafunções da linguagem. As metafunções relidas e aplicadas para fins da Semiótica Social fornecem aporte para análises de textos multimodais.

Em suma, a metafunção *ideacional* proposta por Halliday, de modo geral, relaciona-se com a representação do mundo, portanto, com discursos e com o significado representacional, de Fairclough (2003). Na linguagem verbal, é apresentada pela forma como as ações são realizadas por grupos nominais e verbais. Nas imagens, Kress e van Leeuwen (2006) dividem esta metafunção em representações de *processos narrativos* e *conceituais*. A segunda metafunção da linguagem proposta por Halliday na LSF é a *interpessoal*, que identifica as relações entre os participantes do discurso. Fairclough relaciona esta metafunção com os significados acional e identificacional, visto que o significado acional se aproxima do que, em sua primeira releitura das metafunções de Halliday em 1992, é admitido como função relacional e identitária. Desta forma, a ressignificação da função identitária para a identificacional e da relacional para a acional têm relação com a metafunção interpessoal de Halliday, pois refere-se ao modo como o texto inter-age em eventos sociais, como a ação legítima ou questiona relação sociais e como acontecem as construções e negociações identitárias, relacionando-se aos gêneros e estilos (Resende e Ramalho, 2006). Para Kress e van Leeuwen (2006), esta função pode ser analisada em imagens segundo três categorias: olhar, enquadramento e perspectiva.

A metafunção *textual* relaciona-se à concretização do discurso, pois, “dentro da Gramática do Design Visual, se traduz através de arranjos composicionais que permitem a concretização de diferentes significados textuais” (Brito e Pimenta, 2009, p. 108). A composição pode ser através do valor da informação visual (por exemplo, dado/novo, ideal/real e centro/margem), saliência e moldura. Para Fairclough (2003), a metafunção textual é incorporada ao significado acional, focalizando a ação e inter-ação

do texto com os eventos e práticas sociais, relacionada também com os gêneros discursivos.

Ações sociodiscursivas do MBL

Para apresentação do estudo neste artigo, selecionamos algumas categorias semióticas principais, quais sejam, *contato visual*, *modalidade* e *valor da informação* (Kress e van Leeuwen, 2006), associadas a categorias linguístico-discursivas da ADC à luz dos modos de operação da ideologia de Thompson (2011).

A categoria *contato visual*, ou olhar, é umas das dimensões de expressão da metafunção interpessoal. Para Halliday (2004), nesta metafunção é possível distinguir quatro atos de fala: oferecimento de informação, oferecimento de bens e serviços, demanda da informação e demanda de bens e serviços. Para as imagens, Kress e van Leeuwen (2006) estabelecem os atos de imagens, classificados em oferecimento e demanda. Na imagem de oferecimento, ou oferta, a relação com o/a leitor/a é indireta, “porque ela ‘oferece’ o/s participante/s representado/s como item/ns de informação, objeto de contemplação” (Brito e Pimenta, 2009, p. 97). Já a imagem de demanda relaciona-se de forma direta com o/a leitor/a, estabelecendo uma conexão mais próxima com o participante representado.

A *modalidade*, por sua vez, “refere-se especificamente aos graus intermediários entre os polos positivo e negativo em proposições, ou seja, graus de probabilidade (possível/provável/certo) e frequência (esporádico/usual/frequente)”, conforme Halliday, em Resende e Ramalho (2006, p. 81). Por se relacionar com questões de poder entre os/as participantes (alto ou baixo grau de afinidade ou solidariedade) é “um componente crucial no processo de estabelecimento de sistemas hegemônicos, além de ser um indicador de lutas políticas” (Brito e Pimenta, 2009, p. 101). Na Semiótica Social, Kress e Van Leeuwen (2006) propõem que *marcadores de modalidade* são capazes de se articularem em diferentes graus, que envolvem a contextualização (variação entre ausência de fundo e o seu completo detalhamento), representação (escala entre abstrato e realístico), profundidade (ausência ou presença plena de profundidade), iluminação (escala entre a complexidade de jogos de luzes e sombras à sua total ausência) e brilho (escala entre o uso do maior número de gradações de brilho até o uso de somente duas).

O *valor da informação*, por fim, “se refere ao valor dado a cada um dos elementos (uns em relação aos outros) contidos em uma imagem, de acordo com a posição que ocupem” (Brito e Pimenta, 2009, p. 108). As imagens, então, podem ser analisadas segundo sua estrutura horizontal e

vertical. Na estrutura horizontal, é possível identificar, segundo Kress e van Leeuwen (2006), a dualidade entre “dado” e “novo”.

Os textos principais selecionados para abordarmos aqui foram coletados da página oficial no *Facebook* do Movimento Brasil Livre nos dias 7 de março e 18 de março de 2016.

Figura 2 – Representação da Presidenta Dilma Rousseff na página do Facebook do MBL



Fonte: www.facebook.com/mblivre. Acesso 7 de março de 2016.

Na Figura 2, no que se refere à categoria *contato visual* é possível perceber que a participante representada, a Presidenta, com expressão séria e zangada, não estabelece contato visual direto com o/a leitor/a, pois apesar de estar posicionada de forma frontal, seu olhar não está criando posição de demanda; a posição estabelecida é de oferta. Neste caso, a personagem é representada como em meio a uma ação, cabendo ao leitor observá-la e em muitos casos, julgá-la. Além do olhar, na representação produzida pelo MBL a expressão da Presidenta estabelece uma relação obscura com o/a leitor/a, principalmente no que refere à contextualização, ou seja, o *background* da imagem.

Ao lado esquerdo e direito estão representadas duas pessoas, mas seus rostos e suas identidades estão ocultas, sugerindo a ideia de que a Presidenta não governa “sozinha” (“não teria capacidade para governar sozinha, por ser mulher”, como discutiremos à frente), ou possui aliados secretos, que não podem ser expostos. Isto corrobora com o discurso ‘anticorrupção’

apregoado pelo MBL ecoando o discurso *pró-impeachment* da direita política global, visto que o fundo não revelado sugere ações, contatos ou alianças ilegais e obscuras por parte da Presidenta. Desta forma, o fundo da imagem, ou a contextualização, ressalta a figura da personagem como o objeto de análise ou julgamento (o que é reafirmado pela frase “Dilma é a crise”), em quem incide a luz.

Na Figura 2, o enquadramento esquerdo apresenta todas as informações verbais da imagem. Tais informações, juntamente com a imagem da personagem representada formam um percurso de sentido semiótico que afirma que a Presidenta Dilma Rousseff é a causadora e culpada da crise econômica. Desta forma, o recorte da notícia retirada do portal de notícias G1 da rede Globo (a emissora mais poderosa do Brasil) e a frase em amarelo “Dilma é a crise. 13/03, ou você vai, ou ela fica” são estabelecidos como informação conhecida do/a leitor/a. Destaca-se, aqui, o movimento de ordens de discurso política, midiática e das redes sociais, já que amarelo e azul são as cores do partido político de oposição, também predominante nas imagens da grande mídia hegemônica, como ilustraremos com a Figura 3, e as cores da identidade do MBL.

Considerando que a página do MBL é destinada aos/as brasileiros/as que, de alguma forma, concordam ou são participantes dos movimentos organizados contra a Presidenta, a informação de que ela seria a causadora da crise é senso comum, por isso está posicionada ao lado esquerdo, como algo dado, conhecido do leitor. Já o lado direito, representando o que é a informação nova, está ocupado apenas pela figura da sombra de alguém cuja identidade é desconhecida.

A coluna branca posicionada também ao lado direito da imagem é parte do *layout* da página do *Facebook* e contém informações mais detalhadas escritas pelo coordenador da página, no caso uma comissão do MBL (“É hora de acabar com crise, é hora de tirar a Dilma” e *link* que direciona para a notícia divulgada pelo portal de notícias G1). Esta coluna nos fornece informações importantes sobre as práticas discursivas, principalmente sobre a distribuição dos textos, por meio de compartilhamentos e curtidas.

Os comentários e incentivos inseridos neste local revelam o apoio dos participantes/simpatizantes às ideias do MBL, ao utilizarem, por exemplo, o termo ‘petralha’ ao se referirem aos favoráveis ao Partido dos Trabalhadores (PT), da Presidenta. O termo é uma junção entre o termo ‘petista’ e ao conceito de pessoas sem apreço à ética, ladrões, corruptos, como os Irmãos Metralha, dupla de ladrões das histórias de animação da Disney. Desta forma, o neologismo tem teor negativo altamente avaliativo e sinaliza/reforça ainda mais a narrativa visual organizada em torno de um protagonismo/antagonismo, bem/mal.

Passando para a análise da estrutura vertical, no ideal, localizado na parte superior da imagem, notamos um processo semiótico de legitimação pela citação de vozes de “autoridades”, no caso o portal de notícias G1, para afirmar ou dar credibilidade à mensagem que está sendo transmitida, aproximando-se, assim, do discurso e da ideologia da emissora Globo, reconhecida defensora do *impeachment*. Vale acrescentar, ao exposto na seção 1, que a rede Globo, apresentada pelo movimento como instituição legitimada e de autoridade, de forma explícita, movimentou e disseminou o discurso pró-*impeachment*, noticiando ilegalmente gravações e informações sigilosas que alimentavam discursos de ódio contra a Presidenta, seu partido e simpatizantes. O recorte também sinaliza que tipo de mídia é considerada como autoridade e fonte confiável de informações pelo MBL.

Tais formas e significados semióticos, associados às análises da conjuntura social e política e da prática particular do MBL, sugerem um processo de representação ideológica de *fragmentação*, em que o MBL (como grupo de oposição ao governo vigente) utiliza-se da fragmentação para dirigir forças de oposição potencial em direção a um alvo projetado como mau, inimigo, perigoso ou ameaçador: a Presidenta Dilma.

A Figura 3 nos ajuda a exemplificar o padrão da grande mídia hegemônica que se alinha às demandas, agenda e práticas sociodiscursivas do MBL, ao representar a Presidenta como ‘inimiga’, ‘descontrolada’, ‘destemperada’, ‘tirana’ etc.

Figura 3 – Representação da Presidenta Dilma Rousseff pela grande mídia brasileira



Fonte: www.istoe.com.br. Acesso 25 de abril de 2016.

A Figura 3 é a capa da revista brasileira ISTOE, publicada no dia 6 de abril de 2016. Com base nos estudos de Martin e White (2005) sobre os sistemas de avaliabilidade, é possível compreender e investigar eventos interacionais como o apresentado na Figura 3. De maneira resumida, os processos de avaliabilidade podem ser de *atitude*, *engajamento* e *gradação*, cada um com subdivisões específicas. Destacamos, neste estudo, o sistema de *atitude* e seu subsistema *juízo*, que “diz respeito à avaliação do comportamento humano, tendo como referência básica as normas e convenções sociais”, e agrupa-se em dois principais conjuntos: *estima social* e *sanção social*. Em relação à estima social, os significados são classificados em “normalidade (normal/anormal), capacidade (capaz/incapaz) e tenacidade (resoluto/titubeante)”; em relação a sanção social são analisados os significados sobre “veracidade (confiável/ não confiável) e propriedade (ético/não ético)” (Coroa e Lima, 2010, p. 128-9).

Na Figura 3, o recurso avaliativo de juízo mostra-se predominante, principalmente em relação às classificações normalidade, capacidade e veracidade. A Presidenta é representada como completamente descontrolada, atingindo o extremo polo de anormalidade. Esta representação é composta pelo que Royce (2007) chama de complementariedade interssemiótica, ou seja, modos visuais e verbais co-ocorrem e complementam-se semanticamente para produzir um único fenômeno textual em uma relação.

A imagem da Presidenta retratada com a boca aberta, como se estivesse gritando e a informação verbal posicionada ao lado inferior esquerdo que diz: “As explosões nervosas de Presidente. Em surtos de descontrole com iminência de seu afastamento e completamente fora de si, Dilma quebra móveis dentro do Palácio, grita com subordinados, xinga autoridades, ataca poderes constituídos e perde (também) as condições emocionais para conduzir o País”, contribuem para construção da identidade da Presidenta como totalmente incapaz, o que é reforçado pela seleção lexical avaliativa ‘surtos’, ‘descontrole’, ‘fora de si’, inclusive afirmando explicitamente sua suposta incapacidade de governar o Brasil (‘perde as condições emocionais para conduzir o País’). Em relação à categoria veracidade, dentro do conjunto sanção social, a Figura 3, por meio de vários recursos semióticos e em consequência das avaliações sobre normalidade e capacidade, forja uma imagem da Presidenta como não confiável para sua função, desconsiderando que já desempenhara, com reconhecimento internacional, a função por 4 anos e meio.

Como observou Baldini (2009) e Cotrim (2016), com base em Zizek (1989), o funcionamento das sociedades capitalistas atuais é fundado no *cinismo*, ou seja, na prática de ignorar uma realidade existente e conhecida para dar continuidade a ações, em que o sujeito sabe mas finge não saber.

Conforme Baldini (2009), nessa “prática ideológica que dá forma a nossa realidade social” é “como se passássemos, no nível ideológico, da célebre formulação de Marx (“eles não o sabem, mas o fazem”) para um “eles sabem muito bem o que estão fazendo, mas mesmo assim o fazem”. Um discurso recorrente, disseminado e naturalizado, que dissimula fatos e constrói falsas verdades, em que a narrativa dissimuladora em si, e não os fatos, passa a constituir o “regime de verdade” ideológico em favor do poder assimétrico. Processo que é visto, aqui, do ponto de vista da operação ideológica da *dissimulação*, como discursos que buscam ocultar ou negar relações de dominação por meio de representações que passam por cima de relações ou processos sociopolíticos, culturais e históricos envolvidos.

Esses são exemplos dessa narrativa dissimuladora da antagonista da grande mídia hegemônica e de parte das redes sociais, fundada no cinismo, na construção de uma suposta crise política (que dissimula interesses de poder envolvidos) e da representação de uma mulher (e o gênero social aqui é extremamente relevante) “completamente destemperada, beirando à loucura, que não seria confiável para governar o país”, ignorando-se, assim, um processo eleitoral legítimo. Importante ressaltar que, segundo a própria Presidenta, a foto da Figura 3 foi tirada em um momento de comemoração em um estádio na Copa do Mundo no Brasil, e não no Palácio da Presidência, o que revela o processo de dissimulação do discurso. Com a Figura 3, podemos destacar a rede de discursos ideológicos que se retroalimentam e se disseminam pela grande mídia hegemônica brasileira, pelas redes sociais nas ações discursivas do MBL.

Retomando a análise da Figura 2, a informação apresentada pelo Portal é reconhecida como verdade absoluta e serve para embasar a convocação para os movimentos de 13 de março a favor da retirada da Presidenta, escrita em amarelo. O que é apresentado como real, na parte inferior, é justamente a convocatória para a manifestação do dia 13 de março. Escrita em amarelo e em fonte grande, a convocatória estabelece uma relação de causa e consequência entre a destituição da Presidenta (que ocorrerá, segundo o MBL, por força da presença massiva nas manifestações do dia 13) e o “fim da crise econômica brasileira”.

A relação de causa e consequência estabelecida na convocatória sustenta a estratégia de universalização. Os recursos linguístico-discursivos utilizados na convocatória como “É hora”, “ou você *vai* ou ela *fica*” fortalecem o jogo de oposição e de antítese por meio de termos que se contrapõem semanticamente no mesmo enunciado, reforçando a ideia da necessidade de ações interdependentes (a saída da Presidenta é determinada pela participação do movimento do dia 13 de março). Ao utilizar esta estratégia de legitimação, os interesses do MBL são admitidos como supostamente representativos do interesse de todos/as os/as brasileiros/as.

Assim, a destituição da Presidenta, segundo o MBL, eliminaria os supostos “problemas econômicos, sociais e políticos da sociedade brasileira”, mas, que, de fato, são problemas forjados pela dissimulação narrativa, como bem analisou Boff (2015), conforme discutido na seção 1.

Figura 4 – Representação do Juiz Sérgio Moro na página do Facebook do MBL



Fonte: www.facebook.com/mblivre. Acesso 18 de março de 2016.

A Figura 4 apresenta o juiz Sergio Moro, representado e ostentado como “herói” nos julgamentos e na condução das investigações da Operação Lava-Jato no Brasil. O contato visual do participante representado, assim como na Figura 2, é de oferta, o olhar do juiz não está direcionado para o leitor, mas sim em direção à frase “a sociedade deve fiscalizar governantes que agem nas sombras”, dita por ele mesmo. O olhar altivo estabelece, então, uma relação com sua própria fala, como um pensamento ou uma afirmação. Diferentemente da Figura 2, que também é de oferta, o participante representado não está em posição de julgamento, mas em posição de contemplação, ou superioridade. A frase dita pelo juiz, que tem voz, nome e sobrenome, também estabelece intertextualidade com a Figura 2, ao apresentar o personagem protagonista da narrativa responsável pela fiscalização daqueles que agem nas sombras, sombras estas apresentadas ao lado da Presidenta (ver Figura 2) como suas possíveis alianças e ligações obscuras.

Dessa forma, a referência a “governantes que agem nas sombras” relaciona-se diretamente com a governante Dilma Rousseff, que precisaria

ser fiscalizada. Esta relação também estabelece intertextualidade com as próprias ações sociodiscursivas do MBL que representam a Presidenta como “inimiga” da sociedade, aquela que age de forma obscura e secreta e que precisa ser muito mais do que fiscalizada, precisaria ser retirada da sua posição de governante, democraticamente eleita. Ao incluir a voz, em forma de relato direto (por meio de citação literal por processo verbal visual) do juiz Sérgio Moro e excluir a voz da Presidenta, o produtor concede poder, capacidade, tenacidade, autoridade ao juiz, ao passo que Dilma é apenas uma pessoa de quem se fala.

A perspectiva, de acordo com os pressupostos de Kress e van Leeuwen, (2006), é subjetiva, deixando transparecer o participante por apenas um ângulo específico, o que também diz muito sobre relação de poder, diferente da representação da Presidenta Dilma, que, em termos de perspectiva, é representada de forma objetiva, ou seja, de forma mais ampla.

O jogo de luzes e sombras, o brilho e um fundo desfocado, colocam em evidência a figura do juiz relacionada com a citação de sua própria fala na parte superior da imagem. O que era na Figura 2 estabelecido como conhecimento de autoridade (notícia do portal G1) e funcionava como recurso de legitimação por autoridade, aqui é representado pela própria fala do juiz; sua credibilidade ou conhecimento não precisa ser legitimado por alguma instituição ou grupo de conhecimento, o juiz tem voz, e ela é/deve ser ouvida pela sociedade.

Ao comparar as representações nas duas figuras é possível perceber a fragmentação por meio da estratégia expurgo do outro, construída com base no esquema cognitivo protagonista-antagonista. A Presidenta Dilma Rousseff é apresentada como “inimiga da sociedade e causadora de uma crise econômica”, ao passo que o juiz Sérgio Moro é representado como herói, salvador e justiceiro do “povo brasileiro”. Ainda é possível perceber que o personagem principal, no caso o juiz Sérgio Moro, é apresentado com nome e sobrenome (ao contrário da Presidenta que é tratada apenas pelo nome) e tem sua fala legitimada.

A coluna branca localizada ao lado direito apresenta, como já mencionado, as reações ao texto apresentado por meio de “curtidas”, compartilhamentos e comentários. Ao focalizarmos os comentários, é possível perceber a recorrência de interjeições avaliativas como “força” e outras como forma de apoio ao juiz, muitas vezes enaltecendo-o como figura histórica no cumprimento das ações pró-*impeachment*. A intertextualidade com o Hino Nacional também é recorrente nos comentários dos participantes/simpatizantes do MBL; as palavras progressistas como “rua”, “povo” e “manifestações” passam pela estratégia de deslocamento, mais uma das formas simbólicas de operar a *dissimulação*. Conforme Thompson (2011, p. 83), o deslocamento ocorre quando “um

termo costumeiramente usado para se referir a um determinado objeto ou pessoa é usado para se referir a um outro”, transferindo suas características positivas ou negativas. Ou seja, os termos utilizados nos comentários, historicamente afinados com o léxico utilizado na política progressista, são deslocados para o cenário da luta dos interesses de direita e extrema-direita.

Considerações finais

Como expressivo meio de mobilização social, as redes sociais mostram-se fundamentais nas práticas do MBL, o que reflete a importância da reflexão sobre o fluxo atual de informações/discursos. É notável a teia de uma narrativa ideológica que constrói uma suposta “crise política” por meio do simulacro, do jogo de imagens, do cinismo em uma rede de ordens do discurso (política, jurídica, midiática), obscurecendo, assim, os verdadeiros interesses e projetos particulares, uma vez que não há crime comprovadamente cometido pela Presidenta reeleita em 2014.

Apesar de se defender como “apartidário”, é possível identificar nas ações comunicacionais do MBL sua articulação e filiação a ideologias de grupos hegemônicos mundiais, o que sinaliza seu esforço para a manutenção de valores neoliberais alinhados a interesses de políticos opositoristas ao governo progressista brasileiro atual.

Referências

- Baldini, L. J. (2009).** Cinismo, Discurso e Ideologia. In: *Anais do IV SEAD - Seminário De Estudos em Análise Do Discurso* – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- Brito, R., Pimenta, S. (2009).** A Gramática do Design Visual. In: *Incurções Semióticas: Teoria e prática de Gramática Sistêmico-Funcional, Multimodalidade, Semiótica Social e Análise Crítica do Discurso*. 1 ed. Rio de Janeiro: Livre Expressão, p. 87-117.
- Castells, M. (2013).** *Redes de Indignação e Esperança*. Movimentos Sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar.
- Chouliarakis, L; Fairclough, N. (1999).** *Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Coroa, M. L., Lima, S. (2010).** Configuração e papel do sistema de avaliação no gênero reportagem. In: *Calidoscópio*. v. 8, n. 2, p. 127-137, mai/ago.
- Cotrim, A. (2016).** *Estamos mergulhados no cinismo*. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/estamos-mergulhados-no-cinismo>>.. Acesso 15 maio de 2016.

- 'Crise é forjada, mentirosa e induzida pela mídia', diz Leonardo Boff. Entrevista à Rádio Brasil Atual. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/politica/2015/03/democracia-amadureceu-e-nao-e-igual-a-64-afirma-leonardo-boff-1931.html>>. 2015. Acesso maio de 2016.
- Fairclough, N. (2003).** *Analysing Discourse*. Textual analysis for social research. London: Routledge.
- Fairclough, N. (2001).** *Discurso e mudança social*. Trad./Org. Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.
- Gohn, M. (2008).** *Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneo*. São Paulo: Loyola.
- Halliday, M.; Mathiessen, Ch. (2004).** *An Introduction to Functional Grammar*. 3.ed. London: Hodder Education.
- Iedema, R. (2011).** *Multimodality, resemiotization: extending the analysis of discourse as multi-semiotic practice*. SAGE: London, p. 29-57.
- Kress, G.; van Leeuwen, T. (2006).** *Reading Images: The Grammar of Visual Design*. London: Routledge.
- Líder do MBL responde a mais de 60 processos e sofre cobrança de R\$ 4,9 mi.* Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/05/08/mbl-sofre-acao-de-despejo-e-um-de-seus-lideres-tem-divida-de-r-44-milhoes.htm>>. Acesso abril de 2016.
- Martin, J.R.; White, P. (2005).** *The language of evaluation: appraisal in English*. London, Palgrave.
- Oliveira, F. (2011).** Movimentos Sociais Urbanos: antagonismo e disputa de significado na teoria do discurso. *Anais do XV Congresso Brasileiro de Sociologia - 26 a 29 de julho de 2011 - Curitiba (PR)*.
- Ramalho, V., Resende, V. (2011).** *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes.
- Ramalho, V., Resende, V. (2006).** *Análise do Discurso Crítica*. São Paulo: Contexto.
- Recuero, R. (2009).** *Redes Sociais na Internet*. Coleção Cibercultura. Porto Alegre.
- Royce, R. (2007).** Intersemiotic complementarity: A framework for multimodal discourse analysis. In: Royce, T.D.; Bowcher, W.L. (Eds.). *New directions in the analysis of multimodal discourse*. Mahwah, New Jersey, London: Lawrence Erlbaum Associates, Inc. Publishers, p. 63-109.
- Santos, Th. (Inédito).** *Movimentos sociais em rede: uma aproximação das ações sociodiscursivas do 'Movimento Brasil Livre'*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade de Brasília.

- Sousa Santos, Boaventura. (2011).** *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez.
- Sousa Santos, B. O que está em causa.** Disponível em: <<http://jornalggn.com.br/noticia/agressividade-da-direita-e-um-fenomeno-global-por-boaventura-sousa-santos>>. 2015. Acesso 20 abril de 2016.
- Thompson, J. B. (2011).** *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Trad. Carmem Griscietalli. Rio de Janeiro: Vozes.
- Toledo, F. (2016).** *Quem financia os protestos do dia 13?* Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/politica/2016/03/quem-sao-os-financiadores-dos-protestos-do-dia-13-2945.html>>. 2016. Acesso 15 maio de 2016.
- Van Dijk, T. A. (2012).** *Discurso e Contexto: uma abordagem sociocognitiva*. São Paulo: Contexto.
- Zizek, S. (1989).** *The sublime object of ideology*. Londres, Verso.

Notas biográficas



Viviane Cristina Viera: Professora e pesquisadora da Universidade de Brasília/ Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UnB). Doutora em Linguística, área de Linguagem e Sociedade, pela Universidade de Brasília. Membro do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade (NELiS-UnB); da *Asociación Latinoamericana de Estudios del Discurso (ALED)* e do Conselho editorial dos *Cadernos de Linguagem e Sociedade*. Desenvolve os projetos “Corpos e identidades como práticas sociodiscursivas: estudos em Análise de Discurso Crítica” e “Laboratório de Estudos Críticos do Discurso: reflexões sobre ensino de Português como língua materna”. Tem artigos publicados em periódicos como *Discurso & Sociedad*, *Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso*, *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, *Linguagem em (Dis)curso*. Publicou os livros *Análise de Discurso Crítica* e *Análise de Discurso para a crítica: o texto como material de pesquisa* (em co-autoria com Viviane Resende, pelas editoras Contexto e Pontes); *Análise de discurso crítica da publicidade: um estudo sobre a promoção de medicamentos no Brasil* (pela LabCom/Portugal).
Email: vivi@unb.br



Thaiza de Carvalho dos Santos: licenciada em Letras-Português pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em Linguística, área Linguagem e Sociedade, e membro do Núcleo de Estudos em Linguagem e Sociedade (NELiS/ CEAM/UnB). Tem como tema de pesquisa os movimentos sociais em rede e suas práticas sociodiscursivas dentro do escopo da Análise de Discurso Crítica e da Semiótica Social.